



IGREJA CATÓLICA

"Tirem as mãos da África", clama o papa

No primeiro dia de visita à República Democrática do Congo, Francisco condena o "colonialismo econômico" e alerta que o veneno da ganância ensanguentou os diamantes do país

» RODRIGO CRAVEIRO

A quinta visita do papa Francisco à África e a primeira à República Democrática do Congo (RDC), país em que os católicos são maioria (29,9% dos 108,4 milhões de habitantes), está marcada pela forte crítica ao "colonialismo econômico" e pelo chamado à paz. "É trágico que o continente africano padeça de várias formas de exploração. (...) Depois da exploração política, desencadeou-se um 'colonialismo econômico', igualmente escravizador. (...) Este país e este continente merecem ser respeitados e ouvidos, merecem espaço e atenção. Tirem as mãos da República Democrática do Congo, tirem as mãos da África! Chega de sufocar a África: ela não é uma mina para explorar, nem uma terra para saquear. Que a África seja protagonista do seu próprio destino!", clamou o pontífice, durante encontro com autoridades, membros da sociedade civil e o corpo diplomático, na capital Kinshasa.

Francisco ressaltou que, "bastante saqueada, a República Democrática do Congo não consegue se beneficiar suficientemente dos seus recursos imensos". Ele também lembrou que a nação sofre com conflitos e com migrações forçadas, além de "terríveis formas de exploração, indignas do homem e da criação". Fonte de cobre, ouro, cobalto, diamantes, estanho, urânio e coltan, a RDC tem um histórico marcado por colonialismo, escravidão e abusos. "O veneno da ganância tornou os seus diamantes ensanguentados. É um drama diante do qual, muitas vezes, o mundo economicamente mais desenvolvido fecha os olhos, os ouvidos e a boca", alertou Francisco.

Hoje, o papa celebra missa campal, a partir das 9h30 (5h30 em Brasília), no Aeroporto Ndolo. Às 16h30 (hora local), ele receberá vítimas do conflito que sufoca o leste do país. Duas horas depois, na sede da Nunciatura Apostólica, o papa terá um encontro com representantes de organizações de caridade. Francisco desembarcou, na tarde de ontem, em Kinshasa,

Arsene Mpiana/AFP



Francisco se reúne com o presidente Felix Tshisekedi (D), no Palácio da Nação, na capital Kinshasa

Vozes congoleesas

Fotos: Arquivo pessoal



"Na condição de congolês, vejo a visita do papa como grande símbolo pelo simples fato de ele vir até aqui. Meu país tem passado por tempos muito difíceis, com uma injusta guerra de agressão por parte de Ruanda. No leste da República Democrática do Congo, mulheres são esturpadas, crianças, assassinadas. Há deslocamentos horripantes de cidadãos pacíficos. A vinda do papa é muito benéfica para o povo, por se tratar de uma autoridade espiritual que pode mudar as coisas."

Kempes Kasanda Malu, jornalista, morador de Kinshasa



"Vejo o discurso do papa como uma coisa muito boa. Meu país e a África têm sido reféns das potências ocidentais. A guerra no leste da República Democrática do Congo dura vários anos. Enquanto isso, o conflito na Ucrânia entra no primeiro aniversário e todo mundo busca uma solução. Em meu país ninguém fala sobre a nossa guerra. O papa abordou esse ponto durante o seu pronunciamento."

Emmaus Nkosso, 25 anos, empresário, morador de Kinshasa

em meio a um clima de euforia e comoção. Uma multidão se posicionou ao longo dos 25 km que ligam o Aeroporto Internacional de N'djili ao centro de Kinshasa. Muitos congoleeses levaram tambores, fanfarras e instrumentos musicais tradicionais para saudar o visitante com cânticos. O presidente Felix Tshisekedi foi o anfitrião do pontífice, no Palácio da Nação.

Morador de Kinshasa, o jornalista Kempes Kasanda Malu, 43 anos, acompanhou o desembarque do papa Francisco. "Em seu

discurso, o pontífice desafiou a comunidade internacional a parar com a hipocrisia. Ele lembrou que o mundo, a África e a República Democrática do Congo precisam de paz. Também pregou o fim do sistemático saque das riquezas do continente africano", disse ao **Correio**, por meio do WhatsApp. "Francisco chamou os líderes congoleeses a prestarem contas e recusou-se a abordar, de forma explícita, o papel de Ruanda nos distúrbios que ocorrem na região leste do meu país."

Para Kempes, ao rejeitar a comparação entre a África e uma grande mina, Francisco enviou uma mensagem de solidariedade com o sofrimento dos africanos e dos congoleeses, e de condenação contra os predadores políticos e econômicos do continente. Por sua vez, o empresário Emmaus Nkosso, 25, também morador de Kinshasa e cristão, admitiu à reportagem ter ficado comovido com o pronunciamento do papa. "A presença e as palavras de Francisco são a única forma para

despertar o interesse da comunidade internacional por tudo o que ocorre na República Democrática do Congo. Na condição de cristão, vejo essa visita como um ponto de virada na situação de meu país", desabafou.

Na sexta-feira, Francisco cumprirá o último compromisso de sua passagem pela África: ele visitará Juba, capital do Sudão do Sul, o país mais jovem do mundo e um dos mais pobres do planeta. No domingo, o pontífice retornará à Cidade do Vaticano.

IRÃ

Casal condenado a dez anos por dançar em público

A última mensagem no Instagram foi postada pela blogueira iraniana Astiyaz Haghghi, 21 anos, há 17 semanas: "Esperando que o amanhã seja melhor; vamos segurar as mãos uns dos outros e nos apoiar; somos todos iranianos e precisamos nos ajudar". Astiyaz e o noivo, Amir Mohammed Ahmadi, estão detidos desde novembro e foram condenados a dez anos e meio de prisão. A prova do "crime" foi um vídeo, também publicado por eles nas redes sociais, no qual o casal aparece dançando em frente à Torre Azadi ("Liberdade", em farsi), um dos principais monumentos de Teerã. A Justiça considerou os noivos culpados de "promoção da corrupção, prostituição e propaganda".

Nas imagens, eles ensaiam passos românticos ao som da canção *Bia Ye Roohe Taze Bedim Be Iran* (Vamos dar uma nova alma ao Irã), do iraniano Amir Taloo. As autoridades de Teerã

ESN/HENGAW



Astiyaz e o noivo, Amir (D): vídeo (E) em frente à Torre Azadi, em Teerã, levou ambos à prisão

também fizeram buscas nas casas de Amir e Astiyaz, impuseram a eles um veto de uso de dois anos da rede social e os proibiram de abandonar o Irã. Se ratificada pela Justiça, a pena de

prisão será uma das mais altas desde o início da repressão aos protestos no país, iniciados após a morte de Mahsa Amini, 22, uma mulher detida pela polícia da moral por não

usar adequadamente o hijab (véu islâmico).

"O regime iraniano tem emitido pesadas sentenças de prisão para muitas pessoas, seja por dançarem, por publicarem

um tuíte ou apenas por conversarem. Qualquer ato normal é considerado proibido no regime islâmico. Eles tentam espalhar o medo entre a população", afirmou ao **Correio** Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da organização Iran Human Rights (IHR).

Ramyar Hassani, comentarista e analista sobre temas iranianos em Oslo, disse à reportagem que o fato de dois jovens terem sido sentenciados a 10 anos de prisão mostra que "o regime iraniano tem grande medo do povo". "Também revela a brutalidade na repressão a qualquer protesto, mesmo em suas formas não violentas, como a dança", denunciou. Para Hassani, o veredicto e o "falso julgamento" servem de alerta para a grave situação de iranianos presos durante os protestos. "Também acendem o alarme sobre a necessidade de mais solidariedade internacional e pressão sobre o regime iraniano." (RC)

PAQUISTÃO

Maaz Ali/AFP



Máquinas pesadas removem escombros da mesquita, na busca por vítimas

Ataque a mesquita matou mais de 100

O Exército do Paquistão prometeu, ontem, "justiça exemplar" em resposta ao atentado terrorista contra uma mesquita localizada dentro de um complexo da polícia, em Peshawar (nordeste). Às 13h40 (5h40 em Brasília) de segunda-feira, um homem-bomba detonou os explosivos atados ao corpo, no momento da oração. O extremista estava sentado na primeira fileira, entre os fiéis. O número de mortos no ataque subiu para 100. A maioria das vítimas era formada por policiais. O grupo Tehrik-i-Taliban-Pakistan (TTP ou Talibã paquistanês) reivindicou a autoria. Entre 300 e 400 pessoas estavam na mesquita, no momento da explosão, que derrubou uma parede inteira sobre a multidão.

O chefe da polícia de Peshawar, Muhammad Ijaz Khan, disse à agência France-Press que o ato terrorista foi uma retaliação por operações contra grupos islâmicos armados. "Estamos na linha de frente na luta contra eles e é por isso que fomos atacados", declarou.

Diretor do Centro para Pesquisas e Estudos sobre Segurança (em Islamabad) e autor de *A conexão Al-Qaeda — o Talibã e o terror em áreas tribais*, Imtiaz Gul perdeu um primo, policial, no atentado em Peshawar. "É, simplesmente, mais um ato de terrorismo por procuração, cometido por uma das franquias terroristas. Elas usam nomes diferentes, mas o objetivo é o mesmo: criar medo e pânico entre as pessoas e projetar uma sensação de insegurança no Paquistão", afirmou ao **Correio**, por e-mail.

Instabilidade

De acordo com Gul, o TTP e outros grupos se denominam "islamitas" ou "jihadistas", apesar de visarem a morte de inocentes e de forças de segurança, com o propósito de promover a instabilidade. Ele lembra que, também em Peshawar, o TPP cometeu outros dois grandes atentados: em 2013, matou 90 fiéis em uma igreja; em dezembro de 2014, 150 estudantes. "Isso mostra a natureza do terror, baseada no assassinato indiscriminado. Ele é alimentado por forças externas que desejam manter a instabilidade no Paquistão", disse Gul.

Hasan-Askari Rizvi, estrategista militar da Universidade do Punjab (em Lahore), admitiu à reportagem que os atentados nas províncias de Khyber-Pakhtunkhwa e Balochistão, ambas na fronteira com o Afeganistão, aumentaram desde 2022. "O ataque suicida em Peshawar foi na primeira província. As ações têm sido reivindicadas pelo TTP e pelo Estado Islâmico. No entanto, essas organizações têm presença limitada em meu país, apesar de contarem com simpatizantes no lado paquistanês da fronteira." (RC)